

Programa atualiza metas do primeiro mandato

eleição - presidencial
Patricia Oliveira
de Brasília

O programa de governo de Fernando Henrique Cardoso para um eventual segundo mandato está sendo montado sobre quatro pontos: consolidação da estabilização econômica, crescimento do País com geração de empregos, erradicação da fome, indigência e pobreza, e reformas políticas. A explicação foi dada ontem pelo coordenador do programa de governo, Américo Pacheco, no comitê de campanha de Fernando Henrique Cardoso. O programa será lançado na semana que vem pelo próprio presidente.

Evitando citar números e metas quantitativas, Pacheco afirmou que o mais relevante no programa são os objetivos. "É uma nova forma de condução das políticas públicas, com melhoria da qualidade de vida da população", disse. Ele defendeu que algumas chagas sociais — como fome, pobreza e seca — têm de ser erradicadas nesses quatro anos, e que para isso é necessário manter a moeda estável. Parte da questão social será abordada no programa eleitoral de quinta-feira, que terá o desemprego como tema.

Pacheco disse que o programa é uma atualização da agenda seguida no primeiro mandato e que o ponto "reformas políticas" significa a montagem de uma estrutura na qual "a sociedade tenha co-responsabilidade com o Estado no desenvolvimento do País". O coordenador do programa de governo de Fernando Henrique disse que o documento traça uma série de diretrizes, como um "convite" para que a sociedade se una ao governo para realizar a "utopia" contida na proposta.

O documento não faz referência à privatização da Petrobrás. Pacheco informou que o setor de infra-estrutura é prioridade absoluta do governo para privatização, principalmente a área de saneamento. A idéia é que a União fique responsável pelo gerenciamento de uma política nacional. O objetivo é fazer privatizar o setor através de concessões, usando o mesmo modelo aplicado no setor de telecomunicações. "A proposta é estabelecer metas de universalização, mesmo que isso signifique vender os ativos por preços mais baixos, como foi feito com as telecomunicações", frisou.

* do InvestNews